

Literatura infantil na sociedade multimidiática

Glauca Guimarães¹

Maria Cristina Cardoso Ribas²

[eis] a alternativa poético-literária de entrever mais que a totalidade da imagem, de encontrar a si mesmo e ao entorno na obliquidade de suas lentes, de compreender que a metonímia – possibilidade do olhar – é uma construção, não a única, dentre as múltiplas angulações possíveis.

Maria Cristina Cardoso Ribas

Há algum tempo, meios de comunicação como a carta, o jornal, a revista e o livro privilegiavam a mediação por intermédio da linguagem verbal escrita. Por um lado, por meio da imagem, podíamos nos comunicar usando desenhos, ilustrações ou fotografias utilizando aparatos como a máquina fotográfica. Por outro lado, por meio da linguagem sonora, configurávamos interlocuções veiculadas por tecnologias como o rádio e o telefone. Cada meio de comunicação estabelecia mediação específica, privilegiando uma linguagem: ou verbal, ou sonora ou imagética. Havia, então, um universo que recorria mais ao escrito, outro que privilegiava o som e, ainda, aquele que concedia mais importância à imagem (Ramonet, 2003).

Atualmente, a tecnologia digital tem possibilitado a veiculação em grande escala de textos multimidiáticos, que articulam as linguagens verbal, imagética e sonora (Barreto, 2002; Guimarães, 2010). Esses textos, diferentemente dos de antigamente, compõem grande parte das mediações sociais contemporâneas, que se dão por meio de diversos suportes tecnológicos, como a TV digital, a internet e os telefones celulares.

Hoje, não existem mais aparelhos apenas sonoros, como eram os telefones. Agora, os telefones – assim como o computador com acesso à internet e a TV digital – veiculam articulações entre imagens fotográficas, imagens em movimento, textos, audiovisuais, vídeos, “torpedos”, mensagens de Whatsapp, textos com *emojicons* ou sinais gráficos, tais como: ;) =/ ;p =(:] -, hipertextos, etc. Esses textos têm produzido novas mediações e estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos,

¹ Doutora em educação e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: glaucaumaraes23@gmail.com

² Doutora em letras e professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: marycrisribas@gmail.com

suscitando novos desafios para os processos de comunicação, significação e demarcação (Kristeva, 1988).

Gostaríamos de fazer uma ressalva. Trazer ao debate esse panorama multimídia, no caso da chamada literatura infantil, é uma prática que exige o dobro da atenção habitual. O foco requer sutileza analítica, especialmente por conta do mosaico que abriga a própria concepção de infância, e também em função dos (nossos) olhares que, na pretensão da guarida crítica, acolhem, constituem e instituem os pequenos grandes leitores no discurso intermediático da contemporaneidade. Vale destacar a importância de não tratar a criança como miniaturização de um mundo adulto, o que implica estar sempre revendo a configuração de infância – e de sociedade – que assumimos, no momento de colocar a questão em cena. Trata-se de um segmento da recepção majoritariamente desenhado por aqueles que estão em outra faixa etária, possuem outros modos de perceber e entender o mundo e, sobretudo, outros interesses.

Pela prática editorial, essa mediação – adulto escrevendo para criança – deixa de ser um equívoco para se tornar uma circunstância de produção (bem) alimentada pelo *feedback* exitoso das vendagens. Muito vendidas, assistidas, comentadas nos *shoppings*, nas festas, no recreio das escolas e no Facebook, a literatura infantil e a infanto-juvenil têm, assim, sua recepção atestada e compartilhada. Em nossos tempos, portanto, a escuta é também midiaticizada, traz o registro das jovens preferências e o amplo acesso desse público ao mundo digital. Tudo isso favorece a configuração intermedial dos novos textos.

Assim, nosso trabalho não envereda pela autoria, menos ainda pelo velho dilema da intenção autoral. Aos autores, podemos chamá-los “DJs”. Nossa questão volta-se, então, para a articulação de linguagens na literatura infantil no contexto da sociedade multimidiática. Na expressão da contemporaneidade, em que o prefixo da hora não é mais o “pós”, mas o “inter” e o “multi”, o mais difícil – para qualquer faixa etária ou grupo social – é passar ao largo dessa crescente complexidade e mescla dos textos em circulação. E diante da complexificação dos textos, é importante assinalar que, como sempre, os sentidos produzidos em determinada sociedade não se originam, como acabamos de dizer, somente em uma das partes dessa mediação, mas, sim, na relação entre os interlocutores sociais e sob determinadas condições de produção. Do nosso ponto de vista, uma das condições fundamentais para a produção de tendências discursivas e da cultura contemporânea é a articulação de linguagens no processo de

produção dos sentidos. Nessa perspectiva, a articulação de linguagens produz novos textos e incita novas leituras, diferentes das produzidas com base nos textos que privilegiavam uma linguagem – notadamente a verbal – em detrimento das outras. Desse modo, é necessário considerar a constituição multimidiática das práticas sociais de leitura e de produção desses textos na sociedade contemporânea, pois elas revelam outra cultura, outra forma de ler, ser e estar na sociedade (Martín-Barbero e Rey, 2006).

Para Jenkins (2008, p. 30), essas são as novas formas tecidas pela “cultura da convergência”. Ainda que o referido autor sublinhe que “a convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser”, não é possível prescindir dos artefatos tecnológicos na veiculação dos novos textos. Ou seja, mesmo considerando que é a linguagem que estabelecemos por meio dos aparelhos que tece a chamada “cultura da convergência”, há de se considerar a importante relação tecnologias, linguagens e prática social.

Fairclough (2001) mostra como a linguagem é uma prática social. Ao usar o termo “discurso”, o referido autor propõe considerar linguagem como forma de prática social, e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Nessa perspectiva, a linguagem produz e é produzida por mudanças sociais. Fundamentado no conceito de intertextualidade de Bakhtin e na concepção de poder que deriva da teoria de hegemonia de Gramsci, Fairclough (2001) aponta que a ideologia e a hegemonia são “produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso” (Fairclough, 2001, p. 28), participando das formas de percepção, criação e fruição estética. Portanto, a interação entre a literatura e as mídias digitais é inevitável e tem provocado modificações constitutivas, seja na linguagem, seja na estrutura e, completamos, na recepção.

Defrontamo-nos, então, com intermedialidades (Rajewsky, 2012), conceito que em seu sentido *lato* paradoxalmente enfatiza as mixagens, a interpenetração de fronteiras entre gêneros textuais e suportes, como também pressupõe a existência de modalidades *a priori* que serão fundidas em outra ordem. Conforme entendemos, rastrear com clareza as mídias “originárias” em jogo é um procedimento que serve aos velhos padrões comparativos; abordar intermídia dessa forma não nos interessa, porque hierarquiza os elementos constituintes e acaba por privilegiar uns em detrimento de outros. No diapasão de Clüver (2001), o interessante é considerar que, ao invés de meramente se justaporem, as mídias se fundem conceitualmente, convergindo em uma mescla.

Nessa perspectiva, este artigo encaminha análise de uma das manifestações literárias contemporâneas no suporte livro e as contribuições linguísticas e discursivas inscritas em contexto multimidiático. A obra em questão intitula-se *Aperte aqui*, escrita e ilustrada por Hervé Tullet (2011), publicada em forma de livro no Brasil pela Editora Ática. A criativa análise proposta por Tullet (2011) centra-se na articulação palavra e imagem em movimento, fundamentada na interatividade comum aos livros digitais para crianças e ao mesmo tempo no discurso pedagógico. O estudo desse material aponta para o dado de que a ubiquidade e a crescente variedade de meios de comunicação digitais têm fornecido uma importante condição de produção e de leitura de textos: a já citada articulação de linguagens.

Essa, como outras obras, é ao mesmo tempo afluente e motivadora de uma sensibilidade estética muito própria desse contexto caracterizado pela convergência midiática, pelo apagamento dos limites entre literatura e arte digital e pelo que mais especificamente trataremos neste artigo: a não exclusividade da expressão verbal nas manifestações literárias e a articulação de linguagens em diferentes suportes.

Intertextualidade nas configurações textuais contemporâneas

Não pode haver enunciado que de uma maneira ou de outra não reatualize outros.

Michel Foucault

Bakhtin (1997) destaca como os textos e os enunciados são constituídos por textos anteriores aos quais estão respondendo e por textos subsequentes que antecipam. Para o autor, cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação:

nossa fala... é preenchida com palavras de outros, variáveis graus de alteridade e variáveis graus do que é de nós próprios, variáveis graus de consciência e de afastamento. Essas palavras de outros carregam com elas suas próprias expressões e seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, retrabalhamos e reacentuamos (Bakhtin apud Fairclough, 2001, p. 134).

Fundamentado em Bakhtin, Fairclough desenvolve o conceito de intertextualidade focalizando-o como o fenômeno que atua na mudança social, baseando-se também em Kristeva (1988), que observa que a intertextualidade implica a inserção da história e da sociedade em um texto e deste texto na história. Assim, o texto responde, reacentua e

retrabalha textos passados, ajudando a fazer história e contribuindo para processos de mudanças mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes. Para Fairclough (2001), a historicidade inerente aos textos os faz desempenhar importante papel na mudança social e cultural na sociedade contemporânea.

Fairclough (2001) ressalta também diferentes tipos de intertextualidade: a manifesta e a constitutiva. Na intertextualidade manifesta, outros textos estão explicitamente presentes no texto, visivelmente marcados ou sugeridos por traços na superfície deste. Na constitutiva, o texto pode ser configurado por convenções discursivas não claramente manifestadas, mas que fazem parte de sua estrutura. Neste caso, o autor chama de interdiscursividade quando a relação entre textos é produzida por ordens do discurso e tendências discursivas presentes na constituição dos textos – forças discursivas reconhecidas por Bakhtin como dialogismo e polifonia.

Detalhando um pouco mais, dizemos que, ao tratar do dialogismo, Bakhtin sistematiza as regras do jogo entre textos, distinguindo-as como referência ou incorporação de um elemento discursivo a outro com objetivos diversos e nomeando-as como homenagem, complemento, desconstrução, suplemento. Na dialogização estaria a polifonia, dinâmica em que múltiplas vozes e discursos constituintes adquirem visibilidade, promovendo um compartilhamento sem anulação mútua.

Considerando o jogo intertextual um coro de vozes explícitas e interagentes, a intertextualidade “nasce da percepção da disjunção entre essas duas vozes, essas duas consciências, esses dois discursos, homólogos narrativos das contradições profundas que coexistem dentro e fora das pessoas de uma mesma coletividade” (Barros e Fiorin, 1999, p. 76).

Na seção seguinte veremos como os textos contemporâneos são interdiscursivos, constituídos por linguagens articuladas na produção de efeitos de sentido e tendências discursivas mais amplas.

Os textos multimidiáticos, a articulação de linguagens e tendências discursivas

[...] um desenho oferece várias possibilidades. Uma imagem desenhada pode mais facilmente mostrar visões impossíveis (ex. Escher) ou combinar várias visões (como na arte cubista) [...] tais efeitos não correspondem às expectativas de realismo do espectador/crítico (Vieira e Diniz, 2013, p. 199).

A criança não lê somente a palavra escrita; a imagem tem o mesmo peso da palavra. São duas escritas, duas leituras que a criança identifica perfeitamente (Mello e França, 2012, p. 22).

Não vejo diferença entre a imagem e a palavra. Imagem e palavra não se dissociam. A minha relação com a imagem é verbal, assim como a minha relação com a palavra começa pela espacialização dessa palavra em si. É uma busca da narrativa e é um exercício plástico (Mello e França, 2012, p. 200).

Podemos dizer, então, que a estrutura visual do pensamento do artista, isto é, o efeito de sua arte sobre o público receptor depende da interação estabelecida e fundamenta não a verdade em si, mas aquilo que ambos aceitarão como verdade. De acordo com o que vimos apresentando, os textos multimidiáticos são aqueles que produzem sentidos por meio da interação discursiva, da articulação de linguagens e podem ser veiculados em vários meios. Tecnicamente, *multimídia* é a tecnologia caracterizada por permitir a combinação de mídias diversas: textos impressos, imagens, sons, etc. em movimento. Discursivamente, *multimídia* é a tecnologia que permite “a coexistência de distintas ordens de materialidade em um mesmo espaço” (Nunes, 1999, p. 38). Mais ainda: em nossa visão, os textos multimidiáticos possibilitam a articulação de linguagens e novos processos de produção de sentidos, diferentes daqueles produzidos por textos que privilegiam uma linguagem em detrimento de outras. Como são constituídos por linguagens no plural, permitem novas formas de interdiscursividade.

A linguagem verbal, a sonora e a imagética são linguagens plurais e articulam-se nos textos contemporâneos, produzindo uma nova linguagem, própria dos textos multimidiáticos. Os modos de articulação de linguagens, além da possibilidade tecnológica de serem veiculados em diversos suportes (celular, computador, TV digital), tornam-se importantes condições de produção desses textos e de sentidos nas mediações contemporâneas. Desse modo, as linguagens não são apenas *coexistentes*, como afirma Nunes (1999), ou apenas *complementares* (Barthes, 1990), mas *articuladas*, remetendo a sentidos plurais produzidos em um dado contexto histórico. As articulações de linguagens produzem *efeitos de sentido* (Pêcheux, 1988) complexos, pois uma das linguagens é capaz de enfraquecer ou reforçar a outra, o que pode dissimular, legitimar e nortear determinados sentidos historicamente possíveis, ainda que não os garantam.

Muitos autores já consideravam a imagem e o som formas simbólicas, sem considerá-los linguagens, como na afirmação de Fairclough (2001, p. 23): “A ênfase [na análise do discurso] é sobre a linguagem e, portanto, textos linguísticos, mas é muito apropriado estender a noção de discurso a outras formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens”. Bakhtin (2004) também já ressaltava a importância que outras formas simbólicas possuem nas análises dos processos de significação. Para ele, o “tema” da enunciação, como a expressão de uma situação histórica concreta que lhe deu origem, não pode ser reduzido à análise apenas de sua linguagem verbal, porque ele “é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas e/ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (Bakhtin, 2004, p. 128) e admite a participação de outros signos ideológicos:

Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. Isto não significa, obviamente, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico. Nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras (Bakhtin, 2004, p. 38).

Dessa forma, podemos inferir que esses e outros autores privilegiam a palavra como “elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for” (Bakhtin, 2004, p. 37) e consideram que em todo ato ideológico há outras matérias significantes que fazem parte do processo de significação e de renovação ideológica, tais como a música, a imagem, a entonação, movimentos, expressões, etc. Esses autores consideram que as linguagens possuem sua “consistência significativa”, mas nenhum deles focaliza a articulação entre elas na produção de sentidos. A noção de “consistência significativa” é fundamental para se compreender a necessidade material das diferentes linguagens, pois “cada matéria significativa significa a seu modo” (Orlandi, 1995, p. 7). Há coisas que podem ser mais bem “ditas” em palavras, outras por meio das imagens, e assim por diante, e uma nunca traduz integralmente a outra. A essa dinâmica, avessa à relação entre textos como legenda mútua, juntamos a noção da incompletude do texto. Referimo-nos não somente ao intuito de que o leitor devesse preencher as eventuais lacunas textuais, mas com a compreensão de que essa incompletude deriva da relação do

texto com suas condições de produção, ou seja, da relação com o contexto e com os interlocutores (Orlandi, 1987, p. 187). Assim entendido, o texto não é o lugar das informações, completas ou preenchíveis, mas é processo de significação, ou seja, lugar da produção de sentidos.

Assim compreendidos, os textos multimidiáticos significam na *articulação* das linguagens, nas relações que estabelecem com o contexto e os interlocutores. Então, o produto da articulação das diversas linguagens, e não apenas a *consistência significativa* de cada uma delas em separado, é uma das mais importantes condições de produção dos sentidos e das tendências discursivas que norteiam nossas interlocuções e mediações hoje.

Por esse motivo, nas práticas contemporâneas de produção e de leitura de textos é preciso que sejam levadas em conta não só as diferentes linguagens, mas também os modos de articulação entre elas e as respectivas condições de produção. Considerar as matérias significantes como linguagens e a articulação destas como condições fundamentais de produção de tendências discursivas contemporâneas significa que: *i*) nos novos suportes digitais, as formas simbólicas e as articulações entre elas podem assumir múltiplos sentidos, sem perda da dimensão histórica; *ii*) as matérias significantes, também como necessidade histórica, não são articuladas aleatoriamente, mas em função da sua “consistência significativa”: matérias diferentes significam diferentemente; e *iii*) a presença de mais de uma forma simbólica não pode ser pensada como alternativa nem como complementar às outras, mas objetivada a partir dos modos da sua articulação (Guimarães e Barreto, 2007).

Desse modo, apesar de haver alguns significantes imagéticos muito usados nos textos audiovisuais que tendem a produzir determinado efeito de sentido, há de se observar que eles não produzem sentidos isoladamente, muito menos um único para todas as ocasiões em que são exibidos nem para todos os modos de articulação em que estejam inscritos. Por exemplo, uma imagem escura pode representar tristeza, mas, ao mesmo tempo, dependendo de sua articulação com o som e a palavra e em função do contexto, pode representar sofisticação ou ainda qualquer outro sentido que o pacto entre os interlocutores, em um determinado contexto, favoreça.

Com efeito, os discursos são produzidos na articulação das linguagens e não somente por meio da imagem ou do som ou do verbal isoladamente. Além do contexto em que foram produzidos, as entonações de voz, os fundos musicais etc., todo o conjunto participa do processo de

produção dos sentidos. Nessa articulação, dados são ocultados ou exibidos em excesso, produzindo efeitos de sentido que podem induzir a visões particulares e parciais – as quais, por sua vez, também constituem o processo de produção de sentidos, queremos dizer, a errância da leitura (Ribas, 2008; 2011). Esses modos de articulação de linguagens têm favorecido a produção de efeitos e tendências discursivas. Entre os efeitos de sentido, encontramos na análise de textos contemporâneos: *i*) o efeito de interlocução ou interatividade; *ii*) o efeito de real; e *iii*) o efeito de hiper-real (Guimarães, 2010).

Aperte aqui – leituras que se confundem

No livro *Aperte aqui* (Tullet, 2011), até o momento publicado somente em papel,³ a intertextualidade manifesta é configurada pelo texto escrito e o imagético, em uma articulação muito comum aos livros interativos digitais contemporâneos. No entanto, atualiza discursos considerados antigos, como o discurso pedagógico. O fato de ser impresso materializa a proposta divertida do autor, que representa simultaneamente resistência ao exclusivamente digital e a inteligente assimilação dessa modalidade na superfície do papel. Mais do que justaposição, encontramos a fusão de mídias a que aludimos anteriormente, de acordo com o teórico das intermedialidades Claus Clüver (2001).

Voltando à aludida fusão no livro em exame, temos que, ao folhear as páginas, o “super jovem” leitor usará o mesmo procedimento habitual do seu dedinho no *screen touch*, mas na folha do livro e em função do comando que lê... no papel – seguindo palavra/imagem/cor. Neste livro, a concepção de escrita do autor resgata na criança leitora o envolvimento com o texto escrito, misturando os procedimentos, valorizando a corporeidade do toque no jogo palavra, desenho, cores. É diferente da experiência filmada no vídeo campeão de acessos “*A Magazine is an Ipad that doesn’t work*”,⁴ quando se vê a frustração de um bebê de 1 ano ao passar seu dedinho na revista *Marie Claire* e nada acontecer, como se só valesse o que de imediato responde ao toque dos dedos. A despeito da graciosidade do vídeo, a questão é bastante densa: conforme afirmam

³ No Youtube podem ser encontrados vídeos que registraram a experiência de crianças lendo juntas o livro de Hervé Tullet, disponíveis em: <<https://goo.gl/WpnNPE>> e <<https://goo.gl/ZxYdXg>>. Acesso em: 13 set. 2015.

⁴ Disponível em: <<http://goo.gl/fSeUDZ>>. Acesso em: 13 set. 2015.

Martín-Barbero e Rey (2006, p. 17), a fragmentação do real exigida pela espetacularização dos eventos transforma o desejo de saber em mera pulsão de ver, mediada pela facilidade (quase mágica) do *screen touch*. Se o toque não funciona, “aquilo” não serve.

Aperte aqui se instala nessa frustração para transformá-la. A seguir descrevemos uma parte do livro para que possamos proceder a uma breve análise. Na primeira página, o texto escrito parece um receituário ou manual. Vale observar como a forma verbal no imperativo se traduz em comandos; mas sua carga interativa o faz deslizar desse discurso autoritário: “Aperte a bola amarela e vire a página” e o texto imagético articulado é um círculo amarelo como se fosse desenhado com tinta amarela. É muito interessante observar como o prazer da criança em seguir os comandos e vivenciar a experiência da transformação – que parece, mas não é mágica – ressignifica o próprio caráter imperativo do discurso.

Simultaneamente aos comandos, há o estímulo, como se pode ler na segunda página: “Muito bem! Aperte a bola amarela mais uma vez”. Na mesma página, dois círculos amarelos são a ilustração da página. A folha seguinte é ilustrada por três círculos perfilados, sendo o da esquerda vermelho e os outros dois amarelos, como nas páginas anteriores. O texto escrito é: “Que beleza. Agora passe o dedo na bola amarela da direita”. A seguir a ilustração ainda apresenta três círculos perfilados. No entanto, o círculo mais à esquerda continua sendo o vermelho, o do meio continua a ser o amarelo e o da direita (o que deveria ser “tocado” pelo leitor) torna-se azul. A inscrição abaixo é: “Sensacional! Clique cinco vezes na bola amarela”. Na página seguinte, o círculo amarelo é multiplicado por cinco, como se, com o simples toque de seu dedo, o leitor fosse o responsável por multiplicá-lo.

Apenas por esse trecho é possível perceber características muito próprias ao discurso pedagógico. Orlandi (1987) ressalta o caráter autoritário no discurso pedagógico pelos verbos no imperativo, muito comuns aos enunciados de livros e tarefas escolares. É possível perceber a intertextualidade manifesta na presença de enunciados e de reforço nas respostas no texto escrito nas páginas, muito comuns nas instruções programadas, usadas em abordagem pedagógica tecnicista, em que o “reforço positivo”, tão recomendado por Skinner (1974), é condição para operar o condicionamento na resposta certa.

A partir do mesmo trecho destacado, pode-se observar a intertextualidade constitutiva. Apesar das convenções discursivas não

estarem explicitamente apresentadas, é possível constatar as antecipações no texto dos movimentos realizados pelos jogadores e leitores de textos digitais como estruturais no efeito de sentido que tendemos a identificar como de interlocução e de interatividade. Ao virar a página, o leitor tem a impressão de que o livro conversa com ele e que é ele quem rege os movimentos representados pelas ilustrações das páginas subsequentes.

Outro efeito de sentido que marca a constituição do texto em questão é o efeito de real. Ou seja, apesar de o leitor saber que nesse tipo de suporte – o livro – as respostas e as ilustrações das páginas já estão inscritas quando se lê o material, parece que o autor “adivinhou” o que o leitor faria. Esses efeitos de sentido tendem a atualizar o discurso pedagógico, que, por sua vez, “agrada” a quem escolhe e pode comprar o livro infantil em questão para a criança. Sua interdiscursividade aproxima o discurso pedagógico do discurso lúdico dos jogos e livros digitais, tende a agradar às crianças, bem como a seus pais e professores.

É interessante verificar que os dois tipos de intertextualidade presentes no texto antecipam e sugerem novos textos que tendem a ser valorizados pelo caráter educativo e/ou tecnológico e lúdico dos frequentes textos digitais. A esse fenômeno de sugerir valorização das convenções discursivas contemporâneas damos o nome de efeito de hiper-real. O efeito de hiper-real, junto dos outros efeitos já destacados, tende a valorizar cada vez mais as convenções discursivas contemporâneas e as tecnologias por meio das quais os textos são veiculados. Com esses efeitos, a representação difundida nos textos contemporâneos pode ser inspirada e também pode inspirar a realidade, ou (re)criá-la, produzindo movimentos efêmeros, personalidades, formações, valores, etc.

Esses efeitos de sentido configuram as tendências discursivas a que Fairclough (2001) chama de “democratização” e “comodificação”. A primeira delas é uma espécie de *democratismo*, que inclui a aceitação de dialetos sociais e variações linguísticas, a “eliminação de marcadores explícitos de poder em tipos de discurso institucionais com relações desiguais de poder, a tendência à informalidade das línguas, e mudanças nas práticas referentes ao gênero na linguagem” (Fairclough, 2001, p. 250), sugerindo que todos ocupam lugares sociais iguais e têm a mesma possibilidade de acesso aos bens culturais. A comodificação é “a colonização de ordens de discurso institucionais e mais largamente da ordem de discurso societária por tipos de discurso associados à produção de mercadoria”, como *marketing*, publicidade etc. (Fairclough, 2001, p. 255).

Ou seja, com a impressão de interlocução e interatividade constitutiva dos textos digitais, tudo pode ser transformado discursivamente em mercadoria valorizada socialmente, em um “real espetacular” (efeitos de real e hiper-real) que apaga e/ou exacerba a um grau intolerável os limites entre o real e o ficcional, assim como entre as esferas pública e privada. Essas tendências discursivas supervalorizam qualquer texto, discurso ou movimento que pareça democrático, seja pelo aspecto da participação (produzido pelo efeito de interlocução e de interatividade), seja pela impressão de realidade espetacular ou de acesso livre à “realidade” produzida por si (efeito de real e hiper-real).

Nesse movimento, outra tendência discursiva pode ser identificada: a tecnologização. Como as duas tendências anteriores denotam “mudanças efetivas nas práticas de discurso” (Fairclough, 2001, p. 247), a inscrição dos seus elementos-chave no horizonte da *democracia* e do *consumo* possibilita a produção de “novos” discursos com esses elementos persuasivos. Na tecnologização, a “intervenção consciente nas práticas discursivas é um fator cada vez mais importante na produção de mudança” (Fairclough, 2001, p. 247). Portanto, junto às duas outras tendências, ela também tem participação central na mudança discursiva e social.

Com efeito, a tecnologização é o uso do apelo à democracia e ao consumo. Dessa forma, o texto, articulando linguagens, oculta-se discursivamente como *veículo* ou como *mediação*, dando uma aparência de neutralidade na narração ficcional. Por meio das estratégias de produção de efeitos de sentidos, sugere que seu texto não seja apenas interativo e democrático (efeito de interlocução), mas transparente e fruto do desejo do leitor (efeito de real), promovendo o acesso e o consumo de todos a vários textos que contam a mesma história, veiculados por várias mídias, espetacularizando e coisificando tais histórias (efeito de hiper-real), como vemos nos jogos digitais *The sims*, que foram portados e convertidos para diversas plataformas, incluindo Nintendo Wii, celular, Nintendo DS, Playstation 2, GameBoy Advance, GameCube, Xbox, incluindo até uma versão remodelada do *The sims 2 mobile* para o antigo Mega Drive. Vende extensões, acessórios, aplicativos e, no ano de 2015, estaria planejado o lançamento do filme baseado no jogo.⁵

⁵ Há boatos – não confirmados, portanto – de que a Fox teria comprado os direitos para o filme *The sims 2* e que este seria rodado em *live action*, ou seja, com atores reais, em 2015.

Outra manifestação literária infantil que vende diversos textos com a mesma história, veiculada em várias mídias, é a originada no curta-metragem de animação *The fantastic flying books of Mr. Morris Lessmore* (2012), disponível no YouTube.⁶ Esse curta foi premiado em várias instituições, incluindo o Oscar de Melhor Curta-Metragem de Animação no mesmo ano. Posterior ao vídeo, o livro, traduzido no Brasil como *Os fantásticos livros voadores do Dr. Máximo Modesto* (2012), cujo autor é o diretor do curta – William Joyce –, foi publicado no Brasil pela Editora Rocco e apresentou grande tiragem e venda. Mais recentemente, a história assume formato de livro interativo para *Ipad*, produzida pelo Moonbot Studios.⁷ Essas obras constituem um projeto que compreende filme, trilha sonora e vídeos, compartilhados em movimentos de leitura e de escrita característicos do contexto digital, impulsionados pela interdiscursividade sublinhada por Fairclough (2001).

Considerações acerca da literatura infantil em contexto multimidiático

Com base no que vimos discutindo até aqui, é possível tecer algumas considerações a título de conclusão. A primeira delas diz respeito ao movimento que estamos presenciando, já há algum tempo, em que o livro vende o filme, vende o jogo digital, vende a série televisiva, que, por sua vez, vende o livro digital e ajuda a vender todos juntos. Temos constatado: a declamada profecia de que os livros impressos acabarão parece incompatível com as práticas de leitura dos textos impressos em circulação. Além disso, vale ressaltar que a discussão deve ir bem além da valorização do livro em detrimento dos outros suportes. O alcance é mais amplo, nosso abraço é inclusivo e agregador, diz respeito a *convergir*.

Os leitores/autores contemporâneos expressam-se, comunicam-se e fruem em diversas mídias – valendo ressaltar: fruição mais do que estética. Portanto, diferentes modalidades perceptivas devem participar da produção dos sentidos em tempos de convergência midiática (Jenkins, 2008). Nesse contexto, os espaços de inscrição do literário vêm se diversificando. No entanto, como vimos, a materialidade dos suportes tem se tornado cada vez menos transparente (Rocha, 2014b), por isso explicitar alguns aspectos da literatura infantil, que é produzida e sugerida para um

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ad3CMri3hOs>>.

⁷ Disponível na App Store em: <<https://goo.gl/9VI0X4>>.

contexto de convergência midiática, é forte contribuição para a formação de novos leitores/escritores contemporâneos.

Outra questão importante a ser ressaltada é a impossibilidade de tomarmos um suporte como eixo comparativo ou referencial para traçar caminhos de leitura e produção diversos. Como indica Rocha (2014a, p. 180-181): “Quanto mais se distanciam da chave comparativa entre o impresso e o digital, mais oferecem leituras produtivas a respeito desses objetos que estão surgindo com a emergência da nova mídia”. Queremos deixar registrado em nossa reflexão a importância de se considerar uma produção literária emergente que se constitui na interface, texto que con-funde procedimentos composicionais, suportes e efeitos. Ressaltamos a originalidade do livro de Hervé Tullet, cuja extrema simplicidade desenhada no papel ativa o complexo da imaginação – imagens em ação – infantil.

Esperamos que este artigo possa trazer uma contribuição para os que buscam diferentes e diversos caminhos analíticos dos textos produzidos na sociedade multimidiática, sem considerá-los ameaça ao texto verbal impresso, sem rotulá-los de forma pejorativa e sem vê-los somente como incapacidade criativa dos nossos tempos. Não costumamos entoar o coro elegíaco da perda. Ao contrário, a discussão aqui levantada espera desconstruir a ode ao passado ideal, o mito da originalidade e assim perturbar as familiaridades de um pensamento purista, uniforme e, de certa forma, nostálgico.

As manifestações intermidiáticas são também expressão da contemporaneidade, e não podemos negar: para as crianças leitoras, *Aperte aqui*, na confluência do impresso, do virtual, do imaginativo e do sensível, é uma escrita que con-funde, que trata de *fundir* o consensualmente inconciliável. Escrever com, coescrever, circunscrever, escrever, enfim, inscrever-se num processo intermidial que brinca de digital no papel, que põe a escrita ao alcance da mão, do olhar, e aloca a experiência do livro no aconchego da leitura compartilhada. Não tem história, pois, do experimento, em cada folha, vai nascendo a narrativa. Em-se-fazendo. Nascimento em gerúndio. Um livro impresso, colorido, bem perto da criança. Entre a tinta e o toque, entre o dedo e o digital, o livro *Aperte aqui*, de Hervé Tullet, é, conforme essa nova literatura infantil, menos uma ordem, mais um convite que se abre ao alcance do coração, do olho e da mão.

Referências

- BAKHTIN, M. (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, M. (1997). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARRETO, R. G. (2002). *Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros*. São Paulo: Loyola.
- BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.) (1999). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp.
- BARTHES, R. (1990). *O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CARDOSO, C. M. (1996). *Educação multicultural*. Lisboa: Texto.
- CLÚVER, C. (2001). Estudos interartes: Introdução crítica. In: BUESCU, Helena; FERREIRA DUARTE, João; GUSMÃO, Manuel (Org.). *Floresta encantada*. Novos caminhos da Literatura Comparada. Lisboa: Dom Quixote.
- DINIZ, T. F. N. (Org.) (2012). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. v. 1. Belo Horizonte: UFMG.
- FAIRCLOUGH, N. (2001) *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.
- FIORIN, J. L. (2008). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- FOUCAULT, M. (2005). *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Loyola.
- GUIMARÃES, G. (2010). *TV e educação na sociedade multimidiática: o discurso sedutor em imagem, som e palavra*. Rio de Janeiro: Quartet; Faperj.
- GUIMARÃES, G.; BARRETO, R. G. (2007). Mecanismos discursivos: articulação de linguagens na TV. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - ANPED, 30., 7 a 10 out. 2007, Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro: Anped. Disponível em: <<http://goo.gl/JO9diu>>.
- GUIMARÃES, G. (2003). *TV e escola: discursos em confronto*. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- ISER, W. (1996). *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- ISER, W. (1999). A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução de Maria Ângela Aguiar. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 1-47, mar. Série Traduções

- JENKINS, H. (2008). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph.
- KRISTEVA, J. (1988). *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70.
- MARTÍN-BARBERO, J.; REY, G. (2006) *Os exercícios do ver*. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Senac.
- MELLO, Roger; ELIARDO, França. (2012). Entrevistas. In: MORAES, O.; HANNING, R.; PARAGUASSU, M. (Org.). *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores infanto-juvenis*. São Paulo: Cosac Naif.
- NUNES, J. H. (1999). Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade. In: ORLANDI, E. P. (Org.) *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. P. (1995). Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rua 1*, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), Campinas, n. 1, p. 35-47. Disponível em: <<http://goo.gl/l6i0FA>>. Acesso em: 13 set. 2015.
- PÊCHEUX, M. (1988). *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp.
- RAJEWSKY, I. (2012). Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, T. F. N. (Org.) *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. v. 1. Belo Horizonte: UFMG. p. 15-45.
- RAMONET, I. (2003). O poder midiático. In: MORAES, Dênis de (Org.) *Por outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo: Record.
- RIBAS, M. C. C. (2008). Leituras & leitura de literatura – Ou o (re)nascimento do leitor. *Soletas: revista do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo*, ano 8, n. 16, p. 01-12, jul./dez.
- RIBAS, M. C. C. (2011). Pós-modernidade e processos formativos. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 20, n. 36, p. 227-241, jul./dez.
- RIBAS, M. C. C.; OLIVEIRA, P. C. S. (2013). *Leituras na contemporaneidade: olhares em trânsito*. Belém: Literacidade.
- RIBAS, M. C. C. Literatura e(m) cinema: um breve passeio pelos bosques da adaptação. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 117-128, jan./jun. 2014.
- ROCHA, R. C. (2014a). Contribuições para uma reflexão sobre a literatura em contexto digital. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 36, p. 160-186, jan./jun.
- ROCHA, R. C. (2014b). *Melancholia in progress: uma leitura de Os famosos e os duendes da morte*. *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*, Londres, v. 3, n. 1, jul.

SKINNER, B. F. (1974). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.

TULLET, H. (2011). *Aperte aqui*. São Paulo: Ática.

VIEIRA, A. S.; DINIZ, T. F. N. (Org.) (2012). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. v. 2. Belo Horizonte: Rona; FALE/UFMG.

Recebido em dezembro de 2014.

Aprovado em maio de 2015.

resumo/abstract/resumen

Literatura infantil na sociedade multimidiática

Gláucia Guimarães

Maria Cristina Cardoso Ribas

Este artigo objetiva a articulação de linguagens na literatura infantil no contexto da sociedade multimidiática. Fundamentado na análise de discurso crítica, trata dos modos pelos quais textos em diferentes suportes se relacionam, apropriando-se da articulação dos diferentes materiais semióticos (ou linguagens, em perspectiva não ortodoxa). Na tentativa de dar conta das dimensões envolvidas, este artigo está organizado em quatro seções. A primeira discute a maneira como a literatura pode ser compreendida no contexto da convergência midiática. A segunda seção aborda o potencial analítico do conceito de intertextualidade para observar as relações entre diversos textos e como elas fazem parte das mudanças discursivas e sociais transnacionais. A terceira sistematiza os modos pelos quais as linguagens são articuladas na produção dos sentidos, as tendências discursivas em que este movimento está inscrito e os efeitos de sentido que tendem a ser produzidos na sociedade multimidiática, na análise de um livro infantil intitulado *Aperte aqui*, de Hervé Tullet (2011). A análise focaliza a imbricada relação entre o contexto digital, os textos contemporâneos e a produção literária, neste caso, a literatura infantil. Com base nessa análise discutimos o alcance das novas mídias no redimensionamento da escrita e da leitura literárias.

Palavras-chave: literatura infantil, sociedade multimidiática, intermedialidades, Hervé Tullet.

Children's literature in a multimedia society

Gláucia Guimarães

Maria Cristina Cardoso Ribas

This article aims at the articulation of language in children's literature in the context of multimedia society. Grounded in critical discourse analysis, the essay

addresses the ways in which texts relate in different medias, appropriating the articulation of different semiotic materials (or languages in an unorthodox perspective). In an attempt to account for the dimensions involved, this article is organized in four sections. The first discusses how literature can be understood in the context of media convergence. The second section discusses the analytical potential of the concept of intertextuality to observe the relationships between different texts and how they are part of transnational discursive and social changes. The third systematizes the ways in which languages are articulated in the production of meanings, the discursive trends in which this movement is inscribed and the effects of meaning that tend to be produced in multimedia society, in the analysis of a children's book, titled *Aperte aqui*, by Hervé Tullet (2011). The analysis focuses on the imbricated relationship between the digital environment, contemporary texts and literature, in this case, children's literature. By means of this analysis we discuss the scope of the new media in the resizing of writing and literary reading.

Keywords: children's literature, multimedia society, intermedialities, Hervé Tullet.

Literatura infantil en la sociedad multimediática

Gláucia Guimarães

Maria Cristina Cardoso Ribas

El objetivo de este artículo es la articulación de lenguajes en la literatura infantil en el contexto de la sociedad multimediática. Basado en el análisis crítico del discurso, estudia la relación entre textos de diversos medios, apropiándose de la articulación de diferentes materiales semióticos (o lenguajes, en una perspectiva poco ortodoxa). En un intento de alcanzar todas las dimensiones involucradas, este artículo está organizado en cuatro secciones. La primera discute la manera como la literatura puede ser comprendida en el contexto de la convergencia mediática. La segunda sección expone el potencial analítico del concepto de intertextualidad para observar las relaciones entre los diferentes textos y como ellas se integran a los cambios discursivos y a sociales transnacionales. La tercera sistematiza las formas en que las lenguas se articulan en la producción de significados, las tendencias discursivas en que este movimiento se inscribe y los efectos de sentido que tienden a ser producidos en la sociedad multimediática, en el análisis de un libro infantil, titulado *Aperte aqui*, de Hervé Tullet (2011). El análisis focaliza la relación entrelazada entre el contexto digital, los textos contemporáneos y la producción literaria, en este caso, la literatura infantil. A partir de este análisis se discute el alcance de las nuevas tecnologías en la reconfiguración de la escritura y lectura literarias.

Palabras clave: literatura infantil, sociedad multimediática, intermedialidades, Hervé Tullet.